

A LACUNA MORAL NA EDUCAÇÃO DE MENINOS: O IMPACTO DAS NOVAS CONFIGURAÇÕES DE MASCULINIDADE NA SUBJETIVIDADE INFANTIL

MORAL GAP IN BOYS' EDUCATION: THE IMPACT OF THE NEW MASCULINITY SETTINGS ON THE INFANT'S SUBJECTIVITY

Marcos Alan Viana¹
Norma da Luz Ferrarini²

RESUMO

As transformações culturais intensas das últimas décadas abalaram as representações tradicionais de gênero, provocando insegurança e confusão por parte dos homens e produzindo novas configurações de masculinidade no contexto contemporâneo. Nesse cenário social, podemos nos indagar como as crianças, em especial, têm sido impactadas.

Para investigar tal problema, foi realizada uma revisão crítica das transformações históricas da masculinidade e uma investigação empírica conduzida com crianças e adultos, tendo como base a epistemologia qualitativa e a perspectiva histórico-cultural. A pesquisa demonstrou que os meninos vivem em um contexto social marcado pela carência de modelos concretos de identificação, empobrecimento das representações sociais moralmente positivas de masculinidade, desaparecimento dos códigos de honra e ausência de projetos de vida. Esses indicadores sugerem que há uma lacuna moral na formação dos meninos, caracterizada pela ausência de parâmetros éticos de educação que tornam as crianças mais vulneráveis à influência dos padrões midiáticos dominantes de masculinidade.

Palavras-chave: Educação. Ética. Infância. Masculinidade. Subjetividade.

¹ Doutorando em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba-PR, Brasil. *E-mail*: alan.viana@ufpr.br

² Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora titular dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná (UFPR). Curitiba-PR, Brasil. *E-mail*: normadaluz@ufpr.br

ABSTRACT

The intense cultural changes that have taken place in the last decade undermined the traditional gender representations, causing insecurity and confusion among men and creating new masculinity settings in the contemporary context. In this social setting, we can ask ourselves how the children in particular have been affected. In order to address such issue, a critical review of the historical transformation of masculinity has been carried out, as well as an empirical investigation performed with children and adults, on the basis of the qualitative epistemology and cultural-historical perspective. The research showed that boys live in a social context characterized by the lack of concrete role models, impoverishment of morally positive social representations of masculinity, disappearance of codes of honor and absence of life projects. These indicators suggest that there is a moral gap in boy's education, characterized by the absence of ethical educational parameters, which make children more vulnerable to the influence of prevalent media standards of masculinity.

Keywords: Education. Ethics. Childhood. Masculinity. Subjectivity.

1 AS TRANSFORMAÇÕES HISTÓRICAS DA MASCULINIDADE

“Eu teria sido feliz em ter a ti como amigo, como chefe, como tio, como avô, até mesmo (embora já mais hesitante) como sogro. Mas justamente como pai tu foste demasiado forte para mim”. Essa pequena citação faz parte da *Carta ao Pai*, um texto produzido no início do século XX pelo escritor alemão Franz Kafka (1919/1997, p. 10), conhecido mundialmente pelas obras *A metamorfose* e *O processo*. Nesse texto, o autor faz uma espécie de análise e desabafo a respeito da relação conturbada que teve com seu pai, fato que marcou significativamente a sua carreira literária.

O período histórico em que se desenvolveu essa relação entre pai e filho nos dá uma amostra de um dos traços mais importantes da masculinidade no início do século passado: a paternidade severa, exigente e ao mesmo tempo distante emocionalmente. Porém, a mesma situação que indica a potência da masculinidade, também sugere a sua contrapartida: o medo da impotência, o medo de falhar e não se enquadrar nos padrões, como indica a reação do próprio Kafka ao evocar o quanto a exigência paterna, a exigência da virilidade, era “demasiada forte”.

Esse conflito entre potência e impotência, entre a exigência de desempenho e o medo de falhar e não corresponder aos padrões, acompanhou a masculinidade desde a antiguidade, quando as representações míticas de gênero já denunciavam os primeiros contornos da desigualdade sexual que marcou profundamente as relações entre homens e mulheres ao longo da história.

Nolasco (2001) comenta que na antiguidade, particularmente na cultura grega, houve uma extensa produção de mitos que associavam certos atributos morais ao homem, representado como herói em diversas histórias. Normalmente, tais narrativas destacavam a jornada do homem em busca da realização de um trabalho superior, divinamente inspirado, que exigia coragem e sacrifício, em prol de alguma causa coletiva ou em função da necessidade de redenção e purificação.

Na Idade Média os valores gregos foram colocados em segundo plano, em função do teocentrismo inaugurado pela igreja católica. Porém, a imagem do homem-herói foi reavivada na figura do cavaleiro medieval, que tinha a missão de defender a igreja e seguir um rígido código de honra, com preceitos morais diversos, dentre os quais se destacavam: proteger as mulheres e os fracos, defender a justiça e se sacrificar pela igreja. Os padrões de masculinidade surgidos nesse contexto estimularam, em diversas culturas urbanas, a invenção do duelo, uma prática masculina que tinha o objetivo de defender a honra ameaçada ou abalada em alguma ocasião.

Essa concepção de honra atravessou toda a idade média, e, mesmo depois do fim dos cavaleiros, permaneceu na idade moderna o chamado “cavalheirismo” que acompanhou a noção de masculinidade até o século XX. Porém, com o desenvolvimento do capitalismo, surgiram importantes transformações na divisão social do trabalho e novas configurações nos papéis de gênero, que alteraram mais uma vez as representações de masculinidade.

¹ Frase citada por Kord e Krimmer (2011).

Nesse período, houve a consolidação da família burguesa e do patriarcado (POSTER, 1979), no qual o homem assumiu as funções de provedor e chefe de família, enquanto a mulher passou a exercer o papel de dona de casa, cuidando do lar e dos filhos. Como ressalta Oliveira (2004), o homem passou a ser valorizado pela racionalidade, austeridade e moderação, isso fez com que a prática do duelo fosse desestimulada até sua completa extinção².

Assim, pode-se dizer que a noção de superioridade masculina e a representação social positiva da masculinidade foi marcante em todas as épocas, até a segunda guerra mundial, período em que o mundo iniciou um processo rápido de transformação, alavancado por diversos movimentos sociais e pelas mudanças no modo de produção capitalista.

As grandes guerras mundiais tiraram a vida de um grande contingente de homens, gerando um abalo físico e moral no universo masculino. As mulheres começaram a adentrar em massa no mercado de trabalho, e os homens, a perder o seu papel de provedores exclusivos. As instituições tradicionais guardiãs da masculinidade (família, igreja, organizações políticas e militares), passaram a enfrentar crises e mudanças. Os movimentos sociais (especialmente feministas e homossexuais) passaram a questionar de maneira cada vez mais contundente a dominação masculina.

E como ficou o homem neste cenário? Para Kehl (2005, p. 124), os homens viram “seu lugar histórico ser abalado por uma série de transformações”. Se antes o homem tinha um papel bem demarcado e exclusivo na sociedade, nas últimas décadas teve sua hegemonia e segurança abaladas, gerando o que alguns cientistas sociais chamam de **crise da masculinidade**, caracterizada por confusão, incerteza e angústia por parte dos homens. Confusão que foi acompanhada por uma crescente mudança nas representações de masculinidade.

Se antes o homem era associado a símbolos valorizados socialmente (herói-cavaleiro-chefe de família), nas últimas décadas presenciamos o crescimento da ligação entre masculinidade e fatores negativos diversos, como imaturidade, irresponsabilidade e violência. As próprias estatísticas frequentemente associam o sexo masculino aos nossos piores indicadores sociais: os homens são os líderes nas taxas de homicídios (vítimas e algozes), suicídios, acidentes de carro, privação de liberdade e abuso de drogas, para citar alguns exemplos.

O quadro é semelhante na infância, como tem sido apontado por diversas pesquisas³. Pais e professores se queixam que os meninos são mais agitados, violentos, desrespeitosos, sem limites e mais difíceis de educar. As estatísticas denunciam que os meninos têm mais problemas de aprendizagem, desistem mais da escola e são diagnosticados com TDAH⁴ até dez vezes mais que as meninas em alguns contextos.

Se há de fato uma crise da masculinidade, podemos supor que os meninos também estão sendo afetados por ela. Então, como tem sido esse processo? Como tem sido realizada a educação dessas crianças? Como os meninos têm construído sua própria identidade em meio ao cenário desconcertante que cerca o universo masculino?

² Appiah (2012) afirma que os duelos desapareceram por volta da segunda metade do século XIX.

³ Pesquisas revisadas pelo autor deste artigo na sua dissertação de mestrado (VIANA, 2016).

⁴ Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade.

Essas perguntas levaram à necessidade de uma investigação empírica que pudesse dar voz aos meninos, contribuindo para lançar um pouco de luz sobre esta intrincada questão. Tendo isso em vista, conduzimos uma pesquisa qualitativa com o objetivo de investigar o impacto das novas configurações de masculinidade na subjetividade infantil.

2 BASES TEÓRICAS

Quando falamos em “estudos de gênero”, é muito comum a presença de posições teóricas bastante polarizadas. De um lado, o paradigma médico/genético/biológico/evolutivo concentra a explicação em diferenças cerebrais e hormonais, de origem genética, determinadas pela evolução da espécie. De outro, os estudos pós-modernos, como a teoria *queer*, têm sugerido que as diferenças entre homens e mulheres são socialmente (e absolutamente) construídas (MISKOLCI, 2009).

No entanto, a psicologia histórico-cultural, que foi o referencial teórico adotado para realização da pesquisa que descrevemos neste artigo, apresenta uma proposta de superação da dicotomia biológico-cultural (VYGOTSKY, 1991). Nesse sentido, rejeitamos tanto a ideia de um corpo-robô-programado, como a ideia de um corpo-passivo-inerte-programável, para caracterizar o processo de construção da masculinidade (e da feminilidade, por consequência).

Podemos analisar o fenômeno da masculinidade como um sistema multideterminado e dialético, numa interação complexa de fatores biológicos e sociais. Desse modo, propomos um conceito de masculinidade como sendo o conjunto das construções históricas e culturais a respeito do sexo masculino numa determinada sociedade. Esse conceito implica considerar os aspectos biológicos (sexo masculino) e sociais ao mesmo tempo. A biologia é considerada tanto no seu aspecto físico-químico (gravidez, musculatura, hormônios) quanto no seu significado material de ponto de partida concreto (base) a partir do qual a sociedade interpreta e constrói a noção de gênero. Afinal, sem diferenças biológicas, não haveria a construção cultural do gênero.

Porém, considerar a base biológica não significa, de modo algum, tomar a biologia como causa de um determinado fator complexo, como a racionalidade ou a vocação para a maternidade. Assim como podemos dizer que o estômago é a base para a fome (sem este órgão, não haveria necessidade de comer), mas não a causa da vontade específica de comer pizza, por exemplo, que envolve uma trama de fatores psicológicos e culturais.

Sendo uma construção social, percebemos que a masculinidade apresenta diferenças em relação à cultura e sofre transformações, ao longo do tempo, dentro da mesma cultura. E as concepções de masculinidade participam fortemente da educação, moldando vários aspectos subjetivos das crianças em uma sociedade. Por sua vez, ao crescerem tendo contato com um determinado modo de ser homem, as crianças tornam-se, elas mesmas, agentes de transmissão destes elementos culturais.

Porém essa transmissão não é passiva, nem linear, havendo um jogo dialético entre sujeito e sociedade, que faz com que a masculinidade vigente ora seja conservada, ora seja modificada. Como bem enfatiza Siqueira (1997, p. 128), “A constituição da identidade masculina, bem como da feminina, é entendida como um complexo processo dialético em que as biografias individuais entrecruzam-se com as pautas sociais historicamente construídas”.

Apesar da diversidade de concepções de masculinidade presentes na cultura, podemos observar também alguns sentidos dominantes, que chamaremos de **configurações de masculinidade**. As configurações de masculinidade são definidas como modelos dominantes de masculinidade que circulam na cultura e atuam no processo de educação, participando da formação da identidade dos meninos.

Há múltiplas configurações de masculinidade circulando na cultura (o homem provedor, o consumidor, o líder, o boêmio, o machão, o irresponsável, o metrosssexual), porém algumas dessas configurações podem adquirir um caráter dominante, exercendo um efeito limitante sobre a subjetividade individual. Sendo o sujeito ativo na sua vida social, essa padronização nunca se realiza integralmente, mas certamente haverá um grau maior de dificuldade para as manifestações singulares e maior empobrecimento da diversidade social.

Na sociedade patriarcal, por exemplo, o modelo dominante era do homem provedor e chefe de família. Essa configuração de masculinidade determinava um alto grau de reprodução desse modelo, com a exclusão severa dos homens que não se adequavam a ele e uma imensa dificuldade de superá-lo. No entanto, as transformações históricas do século XX provocaram um rompimento desse modelo e hoje encontramos novas configurações de masculinidade propagadas na sociedade. Entender as novas configurações e analisar sua relação com a educação das crianças constitui nosso objetivo.

3 METODOLOGIA

Em 2015 e 2016 foi conduzida uma investigação empírica⁵, de caráter qualitativo, com 15 crianças de cinco a dez anos de idade, sendo dez meninos e cinco meninas. Paralelamente, também entrevistamos oito profissionais da educação e três pais de alunos. No caso das crianças, além das entrevistas abertas, foram utilizados indutores de informação como brinquedos, brincadeiras, desenhos e contação de histórias.

O objetivo desta pesquisa foi analisar o impacto das novas configurações de masculinidade na subjetividade infantil, especificamente no caso dos meninos. A metodologia utilizada para coleta de dados foi a epistemologia qualitativa, proposta por González Rey (2005), e o referencial teórico adotado foi a psicologia histórico-cultural, em diálogo com a sociologia, psicanálise, filosofia e história.

A pesquisa foi realizada numa escola pública de Ensino Fundamental I, da região periférica da cidade de Curitiba (PR). A escolha desse local se deu em função de dois fatores: 1) Ser uma instituição pública (caráter social da pesquisa); 2) contar com a presença de crianças de cinco a dez anos (faixa etária adequada à investigação pretendida).

A amostra foi escolhida com base nos pressupostos da epistemologia qualitativa. Enquanto na pesquisa quantitativa recomenda-se o uso de amostras grandes (quanto maior, melhor) e aleatórias, na abordagem qualitativa González Rey (2005) sugere um número pequeno de pessoas (com vistas ao aprofundamento), que possam efetivamente trazer à tona informações relevantes para o problema pesquisado. Assim, em vez de

⁵ A pesquisa teve a aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos do Setor de Ciências da Saúde. Parecer CEP/SD-PB n. 1294676, no dia 24 de outubro de 2015.

utilizar o método randômico, o pesquisador solicitou que a própria escola indicasse alguns nomes e convidasse os alunos para participar, tendo como único critério o fato de serem consideradas crianças expressivas, ou seja, crianças que normalmente expressam ideias e opiniões em sala de aula.

O estudo se mostrou bastante rico e foi possível construir quatro indicadores que atravessam a educação dos meninos na contemporaneidade: a carência de modelos concretos de identificação, o empobrecimento das representações sociais de masculinidade, a ausência de projetos de vida e o desaparecimento dos códigos de honra.

4 DISCUSSÃO

4.1 A CARÊNCIA DE MODELOS CONCRETOS DE IDENTIFICAÇÃO

Em Roma, no ano 451 a.C., encontramos as 12 tábuas, um texto que serviu de base para a educação romana na antiguidade e que destacava “o papel prioritário do pai e sua função de guia e exemplo” (COSTA; SANTA BÁRBARA, 2008, p. 5). Na sociedade romana o pai assumia exclusivamente a educação dos meninos a partir dos sete anos de idade.

Na Idade Média havia pelo menos quatro modalidades de educação para os meninos, dependendo da posição social deles. Na formação eclesiástica, os meninos aprendiam as tradições religiosas com os monges; nas pequenas cidades, havia o ensino de ofícios realizados por mestres; na cavalaria, os meninos aprendiam as artes militares desde os sete anos (COSTA; SANTA BÁRBARA, 2008); e, por fim, havia a educação na família camponesa (que se formou na idade média e atravessou a idade moderna) na qual os meninos deveriam aprender as tarefas coletivas com diversos homens da aldeia (POSTER, 1979). Na família burguesa, constituída a partir do século XVIII e que veio a se tornar o modelo ideal de família durante os séculos XIX e XX, temos o homem como a figura do provedor e autoridade no lar (POSTER, 1979). Como pai, era uma figura ambivalente: por um lado, era uma pessoa ausente fisicamente (em função do trabalho) e distante emocionalmente, principalmente dos meninos, pois seu papel era inculcar a masculinidade no filho, torná-lo homem, evitando ou negando manifestações emocionais consideradas femininas. Nesse contexto se consolidou a famosa frase “homens não choram”. Por outro lado, o papel de pai era essencialmente disciplinador e repressor, e isso fazia com que sua presença fosse sentida com muita intensidade, mesmo na sua ausência física, como podemos perceber na clássica frase proferida pelas mães: “você vai ver quando seu pai chegar!”. O pai de Franz Kafka, portanto, não era o único “demasiado forte” nas exigências da masculinidade.

Como podemos ver, o pai e outras figuras masculinas, tinham um papel importante na educação dos meninos em praticamente todos os períodos históricos. Os homens eram responsáveis essencialmente por ensinar aos meninos os padrões vigentes de masculinidade no mundo adulto. Esta presença, no entanto, foi notadamente marcada pelos excessos de controle, repressão, machismo e exigência, gerando tensões e críticas na sociedade.

Porém, na sociedade contemporânea, esse padrão ainda prevalece? Como está configurada esta relação dos homens adultos com as crianças no mundo de hoje?

Na pesquisa empírica realizada, investigou-se a presença de figuras masculinas na vida das crianças, por intermédio de perguntas objetivas direcionadas ao grupo: Com quem você mora? Quem você visita nos finais de semana? Quem são seus professores?

Dos dez meninos que participaram do grupo de pesquisa, cinco não vivem com o pai e praticamente não têm contato com ele. Os principais comentários a respeito da relação com o pai foram: “Só vejo meu pai aos domingos!”; “Eu mal vejo o meu pai!”; “Meu pai trabalha muito”; “Meu pai quase nunca está em casa”; “Quando o meu pai chega eu já estou dormindo”.

Esse quadro apareceu também na entrevista com o grupo de meninas: “Não conheço meu pai”; “Meu pai já foi preso”; “Tenho um padrasto que é violento, vende maconha e é um sem-vergonha e bêbado”; “Meu pai não trabalha fora, fica dormindo o dia inteiro, até quatro horas da tarde”.

Como podemos notar, a fala das crianças aponta para a ausência ou para a presença negativa dos pais, o que parece ser um quadro tipicamente contemporâneo. Certamente há pais modernos que cuidam dos seus filhos e se permitem manter relações mais afetivas com estes, aproveitando o contexto atual que dá ao homem mais liberdade de expressão emocional. Contudo, o homem que participa da educação das crianças ainda é raro. Quando existe, este homem é considerado quase um herói, como bem demonstra a frase: “Meu marido me ajuda muito em casa!”. Ou seja, homens cuidando dos filhos é uma prática vista como um bônus moral para o homem e como uma atividade de apoio à mulher e não como uma divisão conjunta de responsabilidades – “Ele me ajuda” em vez de “nós nos ajudamos”.

Essa percepção é compartilhada por Baubérot (2013, p. 210), autor que também destaca os aspectos positivos da masculinidade moderna, especialmente os cuidados domésticos e a educação de filhos, porém lembra que a partir dos anos 60 houve “um enfraquecimento da figura paterna” e “uma redução de seu papel na socialização das crianças” de modo que “a figura paterna ficou ausente ou relativamente distante”.

De fato, a ausência paterna parece estar adquirindo contornos de um fenômeno social de massa. Segundo Azevedo (2012), quase dez milhões de lares brasileiros (16% das famílias) são classificados como monoparentais, chefiados por mulheres, e cinco milhões de crianças não têm sequer o nome do pai no registro.

Com frequência, quando vamos preencher uma inscrição ou formulário qualquer, o documento ou *site* nos informa que é obrigatório colocar o nome da mãe, mas o nome do pai é **opcional**.

O que significa o termo **opcional** em termos sociais? Ora, para muitos homens de fato a paternidade parece ser uma questão opcional, pois não há um código moral que os incite à responsabilidade de assumir e educar um filho (ao contrário das mulheres, que costumam ser julgadas severamente quando não cuidam ou abandonam um filho). Como consequência, se antes as crianças eram obrigadas a lidar com a presença real e/ou simbólica de um pai severo e disciplinador, hoje muitas vezes precisam lidar com a ausência de qualquer modelo ou orientação por parte do pai.

A presença física do pai tornou-se rara, mas, como percebemos nas falas das crianças, mesmo quando esta presença existe, sua figura parece não inspirar admiração, respeito ou temor. Nesse contexto, o pai, bem longe de ser uma referência moral, é visto como um homem imaturo, distante, sem participação ativa na vida doméstica.

Para além do núcleo familiar, as crianças também comentaram que têm pouco contato com outras referências masculinas, como tios e avôs, mas especialmente como professores do sexo masculino, que são muito raros nas escolas, especialmente da educação infantil até o 5º ano do ensino fundamental, quando a criança completa dez anos de idade em média.

Quais serão as consequências da ausência do pai e de outros modelos masculinos na vida das crianças? Para os meninos, em especial, as consequências são diretas, uma vez que teremos uma carência de modelos que dão suporte ao processo de identificação, considerado por várias teorias psicológicas como um mecanismo essencial do desenvolvimento. O psicanalista Ceccarelli (1998, p. 56), por exemplo, ressalta que:

A relação do sujeito com seu próprio pai, ou com aquele que assume este papel será decisiva para o modo como ele terá acesso às representações simbólicas do masculino: a identificação ao pai nos dá a chave para a compreensão da masculinidade.

Esta afirmação teórica faz sentido também dentro da psicologia histórico-cultural, pois, de acordo com Ciampa (1984, p. 64), a identidade se forma na interação com os demais sujeitos concretos que compartilham esta identidade ou “pelo reconhecimento recíproco dos indivíduos identificados através de um determinado grupo social”. Então, como fica o processo de identificação deste contingente de meninos que têm pouca interação com outros homens concretos?

No início do século XX, parece que Freud conseguiu sintetizar bem a problemática masculina naquele contexto cultural ao enunciar que o superego é basicamente a herança paterna, composta por leis e ideais. Segundo Freud (1923/1996, p. 47), o superego sintetiza a dupla função “você deveria ser assim (como o seu pai) com você não deveria ser assim (como o seu pai)”. Os homens, então, estariam destinados a conviver com o conflito de uma subjetividade que os levaria ora a repetir os modelos paternos, ora lutar contra eles. Mas, quando não há um pai, nem a ser repetido, nem a ser negado, qual seria então a busca dos meninos, sua motivação? Como construir valores, sonhos e projetos de vida, sem modelos?

Essas perguntas são muito pertinentes, demonstrando que a ausência de um pai e de outros modelos concretos de masculinidade constituem fatores extremamente relevantes na contemporaneidade. Mas, ainda assim, restaria a questão de saber se os meninos não poderiam se espelhar nas representações sociais mais amplas de masculinidade para constituir sua identidade.

4.2 EMPOBRECIMENTO DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DE MASCULINIDADE

Uma das perguntas dirigidas aos adultos entrevistados da escola-alvo da pesquisa foi “Cite alguns modelos sociais positivos de masculinidade que você consegue se lembrar”. A professora S1., levou muito tempo para responder, pedindo um minuto para pensar. Por fim, balançou a cabeça em tom melancólico e disse: “Coitados dos meninos, realmente eles não têm nenhum modelo!” (S1., professora, 11 anos de profissão).

A fala dessa professora aponta uma característica importante da modernidade: carecemos de representações sociais⁶ positivas de masculinidade.

⁶ As representações sociais são imagens, símbolos, crenças e comportamentos que possuem um caráter recorrente em uma determinada sociedade (MOSCOVICI, 2003).

Para González Rey (2006), as representações sociais envolvem uma trama de sentidos simbólicos e emocionais que permeiam a subjetividade. Assim, por exemplo, quando evocamos a figura de Martin Luther King como modelo de homem, essa imagem simbólica é uma representação social positiva, que remete a um padrão moralmente elevado de masculinidade.

Já falamos da importância dos modelos concretos de identificação na infância, mas basta observar o fascínio que os heróis populares e ídolos da TV exercem no imaginário infantil para compreender que as representações sociais mais amplas que circulam na sociedade também influenciam fortemente as crianças.

As representações sociais de masculinidade chegam aos meninos por intermédio da própria interação social (contato com adultos e outras crianças) ou podem vir da literatura, da arte, do cinema, da TV. Por isso, as crianças participantes da pesquisa foram convidadas a descreverem sua rotina social, com destaque para seus momentos espontâneos de lazer ou o chamado “tempo livre”. Nesse caso, tanto meninos como meninas comentaram que o lazer de que mais gostam e que passam mais tempo praticando é assistir à televisão. O uso do celular e da internet ocupou o segundo lugar. Passear no *shopping* foi citado como a atividade externa preferida.

A informação não surpreende, pois, de acordo com os levantamentos de audiência (CRIANÇA E CONSUMO, 2014), as crianças/adolescentes de 4 a 17 anos passam em média 5h35min por dia na frente da TV. Fato que sugere que a mídia se tornou uma das principais instâncias produtoras de subjetividade na contemporaneidade.

Guareschi (2006, p. 28) enfatiza que vivemos em uma sociedade “midiada”, pois “não existe nenhuma instância nas sociedades modernas em que a mídia não tenha algo a dizer – nada escapa a esse fenômeno abrangente e penetrante que perpassa qualquer situação individual ou social”. Portanto, parece impossível analisar a representação social de masculinidade sem se debruçar sobre o que tem sido produzido pelas mídias de massa, pelo seu poderoso caráter de formação subjetiva.

As crianças afirmaram que assistem à TV “o dia inteiro” ou “até altas horas da madrugada”, quase sempre sozinhas. Assistem telejornal, videocliques, desenhos animados, novelas e filmes. Vemos que a relação da criança com a TV é marcada pela ausência de supervisão, pelo acesso a conteúdo impróprio, pelo excesso de horas e pela alta exposição à publicidade. Uma realidade preocupante, considerando o caráter eticamente questionável da programação televisiva, como já alertou o sociólogo Bourdieu (1996); segundo ele, a televisão funciona dentro da lógica perversa da busca incessante por índices de audiência por meio dos quais “a lógica comercial se impõe às produções culturais” (BOURDIEU, 1996, p. 38).

Em termos de conteúdo, podemos destacar alguns modelos de masculinidade apregoados pela mídia (citados pelas crianças entrevistadas), na publicidade, nos filmes e animações, na música e no esporte.

As crianças do nosso estudo comentaram que assistem a muitos comerciais e citaram as propagandas de automóveis e cerveja como sendo as mais voltadas para o homem, na sua percepção. Nas propagandas de veículos, é comum prevalecer a imagem de homem associada a riqueza, poder, liberdade e sucesso. Nas propagandas de cerveja, prepondera a figura do homem irreverente, descompromissado e sempre rodeado por mulheres atraentes. Em todos os casos (automóveis, cerveja, lâminas de barbear, perfumes etc.) vemos a associação dos produtos de consumo ao bem-estar e felicidade do homem.

No caso do cinema, as crianças destacaram O Homem de Ferro e Brian (personagem do filme Velozes e Furiosos) como seus heróis favoritos. Personagens que, não obstante lutarem do lado do “bem”, destacam--se pela arrogância, irreverência, egocentrismo e impulsividade.

Em relação à música, o gênero preferido dos meninos é o *funk* (e o das meninas, o sertanejo universitário). Os meninos cantaram trechos como: “Pula ni mim, perereca... Ela viu o volume de longe, viu que a piroca tava ereta” e “Vi os vida louca contando dindim; Um rapper gringo embrasar no plim plim; Vou visitar esse *shopping*, adquirir umas peças da Oakley”, cujas letras evidenciaram a presença constante da incitação do homem ao consumismo e à prática do sexo casual.

A erotização precoce das crianças foi um fenômeno apontado por diversos adultos entrevistados na pesquisa. “Os meninos estão muito sexualizados. Não era assim quando comecei a trabalhar” diz a professora S2. (23 anos de educação). As meninas se queixaram muito do assunto, falando que “Os meninos são besteirentos. Ficam falando palavrões”; “Ficam falando coisas sexuais”; “tentam passar a mão na bunda das meninas”; “alguns ficam mostrando o pipi”; “Ficam imitando gestos de *funk* para as meninas”.

Quando pedimos aos meninos para completar a frase: “homem que é homem...”, encontramos mais algumas respostas que sugerem a erotização precoce:

- “Homem que é homem gosta de ver mulher pelada” (7 anos);
- “Homem que é homem gosta de dormir com mulher” (6 anos);
- “Homem que é homem é pegador de mulher” (11 anos).

Como vemos, há um discurso sexualizado, associado ao ideal de homem, presente na infância dos meninos. Na subjetividade desses meninos, homem que é homem é “pegador de mulher”, o que podemos interpretar como uma incitação a uma sexualidade vinculada ao consumo do corpo feminino e desvinculada de compromisso e/ou afeto.

Bauman (2007, p. 20) considera que a característica fundamental da sociedade de consumidores atual é o processo subjetivo de comodificação do ser humano, definido como “a transformação dos consumidores em mercadorias”. Este processo de comodificação incide, por exemplo, na representação do corpo feminino – apresentado aos homens como produto a ser consumido.

Bauman (2007, p. 138) ainda lembra que, na sociedade consumista contemporânea, “o ato de se livrar do indesejado” vale mais do que “o de agarrar o que se deseja”, de modo que todo consumo implica um “descarte”, ou seja, é preciso que os objetos de consumo sejam descartados o tempo todo para manter o fluxo do mercado em movimento. A mesma lógica está implícita na figura do “pegador”, pois para “pegar” uma nova mulher, uma anterior precisa ser descartada. Assim, se na sociedade burguesa o modelo de homem era essencialmente dominador, pois tinha a própria mulher como extensão de suas propriedades, no mundo atual a figura da “mulher-posses” parece ter sido substituída pela figura da “mulher-descartável”, em mais uma manobra típica da “sociedade líquida” (outra expressão de Bauman) que tende a desprezar o durável em nome do efêmero. Um fenômeno que se materializa na subjetividade infantil desde cedo: “Eu nunca quero casar. Quero ter muitas mulheres”, diz D. (9 anos), com risos e apoio dos demais meninos do grupo.

Em outro momento os meninos foram convidados a imaginar que uma mágica poderia transformá-los numa pessoa famosa. Nessa situação, as perguntas foram: quem eles seriam e por quê? Foram várias respostas diferentes, e muitas delas associadas a jogadores de futebol famosos na mídia: “Queria virar o jogador de futebol Messi, por ser o melhor e o mais rico”; “O goleiro Manoel Neuer, por ser o goleiro mais bem pago”; “O Neymar, porque é o que ganha mais”. Os jogadores, portanto, não são evocados pelas suas habilidades esportivas, mas antes de tudo por serem símbolos de sucesso e riqueza.

A pesquisadora Jobim e Souza (2000) realizou um estudo sobre a relação da criança com a mídia, chegando à conclusão de que o consumismo e a “padronização dos desejos”, estão efetivamente “condicionando e empobrecendo” a experiência subjetiva infantil (p. 114-115). Essa é uma verdade importante especialmente para os meninos, que recebem da mídia uma representação pobre e estereotipada de masculinidade. Como é possível notar, não vemos modelos morais, educacionais, ou profissionais, nem mesmo religiosos ou políticos de masculinidade. Prevalece um modelo dominante de homem-celebridade, impulsivo, hedonista e hipersexualizado ou de herói-machão, arrogante e egocêntrico.

Nesse cenário, configurado pelo vazio de modelos concretos positivos de masculinidade, como ficaria a construção projetos de vida na trajetória dos meninos?

4.3 A AUSÊNCIA DE PROJETOS DE VIDA

Quando o pesquisador perguntou aos alunos “o que quer ser quando crescer?”, as respostas que mais se destacaram foram: “Quero ter duas ferraris”; “Que ser rico e famoso”; “Quero ter muitos carros e casas”; “Quero ser trilionário!”.

Essas respostas foram muito significativas, pois se concentraram no binômio dinheiro-consumo e não em uma **profissão**, ou seja, os alunos não afirmaram que gostariam de ser jogadores de futebol, bombeiros, policiais ou astronautas, mas sim que querem ser **trilionários** quando crescerem, não importando o caminho para ser trilionário, não importando se haverá prazer com qualquer tipo de atividade profissional.

Não foram encontradas pesquisas acadêmicas sobre o assunto, mas um interessante levantamento jornalístico feito em 1984, no qual 600 crianças escreveram para um jornal respondendo à pergunta “O que você quer ser quando crescer?”. Esse levantamento não cita nem sequer uma resposta do tipo “quero ser rico”. O jornal destacou que a maioria das crianças demonstrava preferência pela área de saúde ou de educação, mas “muita gente quer ser desenhista, artista plástico e, na mesma proporção, policial, caminhoneiro, mecânico e borracheiro” (FOLHINHA, 1984). Apesar de o texto não identificar o gênero, podemos supor com segurança que foram os meninos da época que citaram as profissões de policial, caminhoneiro, mecânico e borracheiro, demonstrando identificação com os homens que majoritariamente exerciam essas profissões naquele contexto. Percebemos também que esses desejos profissionais não parecem estar pautados prioritariamente por sucesso financeiro, uma vez que se tratam de profissões populares.

Portanto, parece realmente ser algo novo o fato de os alunos responderem à pergunta tradicional sobre o futuro profissional com uma resposta não ligada a qualquer profissão, mas sim vinculada ao desejo de ser rico independentemente de qualquer profissão. Bauman (2007) também destaca uma situação semelhante em que uma professora americana fez a mesma pergunta a seus alunos, obtendo como resposta da maioria a frase “eu quero ser famoso!”.

Entretanto, estando meninos e meninas imersos na mesma cultura consumista, esses ideais de fama e riqueza não estariam afetando ambos os sexos, sem distinção? Na presente pesquisa, fizemos a mesma pergunta sobre o futuro profissional às meninas, que manifestaram as seguintes respostas: “Quero ser artista de circo e espã”; “Queria ser cantora, delegada e juíza”; “Vou ser professora, cantora e bailarina”; “Quero ser... artista, espã, advogada, médica, professora de educação física”.

Esse conjunto de respostas foi muito diferente da fala masculina. Enquanto os meninos afirmaram que queriam ser milionários e famosos – sem se ater a profissões, as meninas expressaram sonhos profissionais específicos e grandiosos, e não citaram diretamente riqueza e fama num primeiro momento. Ao que tudo indica, meninos e meninas têm sido convidados a participarem da sociedade de consumo de maneira diversa.

Quando os meninos expressam os sonhos de serem **trilionários e famosos**, isso remete à concretização do projeto ilusório de riqueza, poder e consumo, apregoado pelo sistema capitalista, que tem sido transmitido com certa eficiência pelos meios de comunicação, a ponto de uniformizar os desejos dos meninos.

Apesar de pueris, os sonhos de criança são uma forma importante de começar a gestar um projeto adulto de futuro, que implique ter um papel significativo na sociedade. No entanto, os meninos desta geração parecem não tecer sonhos concretos a respeito do futuro. Não querem ser exploradores, aventureiros ou cientistas para transformar o mundo, mas serem ricos e famosos, para usufruir dos prazeres do mundo. Tal como ressalta Palangana (2002, p. 94), numa sociedade reduzida ao consumo o indivíduo não é mais dono “do direito a fazer projetos de vida”.

Como é possível que crianças de seis a dez anos apresentem um discurso tão intensamente focado em fama e riqueza? Ora, para Bauman (2007), tal fenômeno pode ser explicado pela colonização da subjetividade infantil, que é uma estratégia do mercado para a consolidação e manutenção da sociedade de consumo. Colonizar a subjetividade significa usar estratégias de planejamento e marketing desde muito cedo para povoar o universo simbólico e emocional das crianças com representações de felicidade, poder e sucesso associadas ao ato de consumir determinados produtos.

Nesse panorama, é o mercado que dita as regras de inclusão e exclusão social, de modo que a preocupação de “estar e permanecer à frente” (BAUMAN, 2007, p. 107) é inculcada desde cedo, fazendo com que as crianças se preocupem com marcas de roupas, modas e estilos. Além disso, as crianças sonham em “serem famosas”, sem nenhuma relação com algum talento ou trabalho realizado. Querer ser “famoso” expressa o desejo não só de se incluir na sociedade de consumo, mas de ser incluído no topo, destacando-se dos demais.

Numa sociedade em que o mercado bombardeia as crianças com estímulos consumistas, associada à ausência de modelos concretos de homens e de representações sociais positivas de masculinidade, não há de fato nenhum suporte educacional para auxiliar os meninos a sonhar para além dos padrões sociais vigentes e construir projetos de vida que transcendam o mero individualismo. Uma constatação coerente com a análise de Palangana (2002, p. 189), segundo a qual o sistema atual provoca um impacto desastroso sobre os planos ético e moral, por intermédio da “exacerbação de valores individualistas e consumistas”.

Por fim, numa sociedade que se pauta pelas leis do mercado e que não dá suporte para construção de projetos de vida, como se configura a ética? A partir de qual instância os meninos aprendem valores morais necessários para o convívio em sociedade?

4.4 O DESAPARECIMENTO DOS CÓDIGOS DE HONRA

Durante a história, a masculinidade foi se configurando como um sistema social permeado por diversos códigos de conduta, sendo alguns bastante severos.

Examinando a maior parte dos códigos de honra masculinos, percebemos elementos bastante atrelados ao sistema social de cada período histórico: os homens deveriam ser fiéis à igreja na idade média e defensores do Estado-Nação, na Idade Moderna, por exemplo, revelando como os códigos de honra foram forjados em parte para sustentar o esquema de poder dominante em cada época. Entretanto, essa crítica não significa que tais códigos eram destituídos de valores morais importantes para a coletividade.

O antigo código de honra samurai, que vigorou no Japão no período feudal, afirmava que o homem-guerreiro deveria se guiar pelos valores da justiça, bravura, benevolência, verdade, polidez, honra e lealdade. No período medieval, Thomas Malory (1469/1993) descreve o código de honra dos Cavaleiros da Távola Redonda: buscar a perfeição humana, retidão nas ações, respeito aos semelhantes, amor pelos familiares, piedade com os enfermos, doçura com as crianças e mulheres; ser justo e valente na guerra e leal na paz. Nos documentos militares brasileiros (a maioria escritos no início do século XX) encontramos um código de honra extenso, que exige que o homem cultive preceitos morais como: ser verdadeiro e leal; assumir sempre a responsabilidade dos seus atos; ser modesto no êxito e digno na adversidade; ser generoso na prática do bem; ser sempre respeitador, afável e correto.

O filósofo Appiah (2012) defende que tais códigos de honra contribuíram decisivamente para avanços sociais importantes para a humanidade, como o combate à violência, o fim da escravidão e a valorização da infância.

Porém, não é difícil concluir que os códigos de honra se baseavam em valores altamente exigentes e por vezes bastante idealizados. Isso naturalmente fez com que muitos homens, em todas as épocas, tivessem dificuldades de praticar a conduta esperada, gerando sofrimento pessoal (desonra) e exclusão social.

Também constituía tarefa complexa criar sistemas de educação que fossem capazes de transmitir valores e inculcar nos meninos o comportamento esperado para os homens. Os métodos educativos para se criar a bravura e a coragem, por exemplo, quase sempre se traduziram nas culturas por sistemas por vezes bastante cruéis para submeter os meninos ao medo e ao perigo, incentivando-os à frieza diante das adversidades e ao uso da violência. Uma evidência disso são os diversos rituais de passagem da infância para a vida adulta a que os meninos eram (e ainda são) submetidos, em muitas culturas, descritos em detalhes por Gilmore (1990).

Apesar das suas limitações, um dos sentidos mais importantes dos códigos de honra era servir como suporte para auxiliar as crianças a desenvolver as responsabilidades esperadas para um homem adulto, numa determinada sociedade, como destaca Baubérot (2013, p. 191): “a virilidade (padrões adultos de masculinidade) é antes de tudo um atributo do homem maduro, esposo, pai e chefe de família”.

Na cultura urbana ocidental do século XIX, os códigos de honra atingiram expressões ideais bastante elaboradas (como os códigos militares) convivendo com uma cultura masculina concreta que ora reforçava este código, ora se afastava dele, gerando contradições. No começo do século XX a masculinidade estava associada à coragem, à camaradagem, ao sacrifício, prover o lar, proteger mulheres e crianças; mas, ao mesmo tempo, estava associada à brutalidade, à frieza, à superioridade, ao autoritarismo, ao machismo, ao belicismo e à violência. No transcorrer do século, estas últimas características foram bastante combatidas e criticadas nos meios urbanos.

Porém, ao que parece não foram apenas os valores negativos associados à masculinidade que foram caindo por terra, mas junto com eles foi desabando todo o código de honra masculino construído nos séculos anteriores. O próprio conceito de honra praticamente desapareceu e valores, como coragem, iniciativa e cordialidade, também entraram em decadência.

Sem os códigos de honra tradicionais, novas modalidades de masculinidade passaram a circular na sociedade, reguladas essencialmente pelo mercado e transmitidas por intermédio da mídia, influenciando a subjetividade dos meninos. Um exemplo pode ser encontrado em mais uma canção cantada pelas crianças: “A carne é fraca, não sou de lata; o corpo pede, eu vou obedecer; é meu instinto, tudo o que sinto; eu vou em busca do que dá prazer; sem me controlar; te pego, te abraço, te beijo na boca”⁷. Nesse trecho, podemos observar o desprezo pelo autocontrole e pela moderação, valores essenciais da masculinidade do início do século. Canções como esta, muito populares no Brasil, não só deixam de valorizar a autodomínio, como exaltam o descontrole, fazendo uso de uma linguagem informal e bem-humorada que celebra o bem-estar subjetivo do homem impulsivo, que se entrega a todos os instintos, sem dor de consciência.

Esse tipo de esvaziamento moral, associado às novas configurações de masculinidade, evidencia o desaparecimento dos códigos de honra, balizas morais que ligavam o homem ao campo da ética. Para Vygotsky (2003), como o desenvolvimento individual depende da interação social, podemos nos perguntar como é possível, para um menino, desenvolver habilidades sociais necessárias para se tornar um homem adulto e responsável sem a mediação de instâncias sociais que sejam referências morais coletivamente compartilhadas na comunidade masculina.

CONCLUSÃO

Analisando as informações históricas e sociais e os dados empíricos revelados pelas falas de crianças e adultos, foi possível construir quatro indicadores que caracterizam as novas configurações da masculinidade contemporânea: a carência de modelos de identificação, o empobrecimento das representações sociais positivas de masculinidade, a ausência de projetos de vida e o desaparecimento dos códigos de honra.

A carência de modelos de identificação e de representações sociais dizem respeito ao fato de os meninos conviverem pouco com pais, tios, avôs e professores do sexo masculino, ao mesmo tempo em que não encontram modelos moralmente positivos de masculinidade na arte, no cinema, na política ou em qualquer outra instância cultural mais ampla, levando-nos a crer que há um empobrecimento de modelos éticos de masculinidade na era contemporânea.

A ausência de projetos de vida e o desaparecimento dos códigos de honra apontam para a padronização dos sonhos infantis em desejos consumistas e para a escassez de valores morais coletivamente compartilhados na educação dos meninos.

Esses indicadores sugerem que a crise da masculinidade é perpassada por uma profunda ausência de parâmetros éticos e morais na educação de meninos, fazendo com que as crianças fiquem mais vulneráveis do que nunca às influências dos modelos dominantes de masculinidade extensamente apregoados pela mídia no sistema capitalista contemporâneo.

⁷ Canção *Sem me controlar* (BELUCCI.; SOUZA; TEIXEIRA JR., 2010).

Esse quadro é preocupante, pois, como destaca González Rey (1995, p. 102), “a moral tem como função essencial o desenvolvimento de valores que orientem de forma mais justa e humana possível as relações entre os homens” e deve ser uma preocupação da educação desde “a mais tenra idade” (p. 106). A educação de meninos fica, desse modo, empobrecida moralmente, trazendo impactos negativos para a subjetividade infantil e conseqüentemente para a esfera dos relacionamentos humanos.

Desse modo, podemos concluir que houve (e está em curso) uma transformação dos padrões de masculinidade tradicionais. Afinal, enquanto modelo simbólico de inserção na sociedade, a masculinidade sempre esteve bastante atrelada às conjunturas econômicas e políticas do sistema social maior. Outrora os homens foram convocados a serem trabalhadores incansáveis, chefes de família, provedores e cidadão sóbrios e moderados, capazes de fazer sacrifícios heroicos em prol da nação. Um padrão social que, a despeito das suas qualidades morais, foi essencialmente patriarcal, reforçando um modelo opressivo e exigente de masculinidade.

A superioridade masculina foi deletéria para as mulheres, mas também para os homens que tinham que se enquadrar desde cedo em severos padrões culturais que limitavam a singularidade e a expressão emocional masculina.

Hoje, presenciamos o patriarcado sendo superado e os homens cada vez mais livres das exigências aprisionantes dos padrões sociais arcaicos que condicionavam a subjetividade masculina. Entretanto, essa liberdade é apenas superficial e aparente, uma vez que o próprio mercado passou a colonizar a subjetividade infantil, moldando uma masculinidade consumista e esvaziada moralmente, que se ausenta cada vez mais das relações sociais de pai ou cônjuge, e do seu papel nas transformações sociais.

Diante desse quadro, no universo infantil encontramos uma geração de meninos mais carentes do que nunca de modelos e orientação. Meninos que estão tendo que aprender sozinhos o que significa ser um homem. Meninos que não encontram eco para compartilhar suas angústias particulares, nem exemplos que sirvam de suporte para construir seus próprios projetos de vida. Isso nos lembra a epígrafe que citamos no início deste trabalho “É possível seguir da infância à velhice, sem nunca conhecer a masculinidade?”.

Infelizmente, é possível, pois, retomando Kafka, se outrora a masculinidade foi considerada “demasiada forte”, nas sociedades urbanas contemporâneas ela parece ter se tornado demasiada fraca. É por isso que os homens precisam se implicar ativamente nos processos educativos e nas discussões de gênero, em parceria com as mulheres. A formação ética das crianças é uma questão urgente e necessária numa sociedade concreta que se encontra num momento histórico no qual os processos de subjetivação do capitalismo estão produzindo uma masculinidade aprisionada ao consumismo, deixando uma profunda lacuna moral na educação dos meninos.

Recebido em: 31/10/2016

Primeira decisão editorial: 29/11/2016

Aceito em: 08/12/2016

REFERÊNCIAS

- APPIAH, K. A. **O código de honra**: como ocorrem as revoluções morais. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- AZEVEDO, S. P. **Famílias monoparentais chefiadas por mulher**: uma análise por estado civil. 119 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais) – Escola Nacional de Ciências Estatísticas, IBGE, Rio de Janeiro, 2012.
- BAUBÉROT, A. Não se nasce viril, torna-se viril. In.: CORBIN, A.; COURTINE, J. J.; VIGARELLO, G. **A história da virilidade**: 3. A virilidade em crise? Séculos XX-XXI. Rio de Janeiro: Vozes, 2013. p. 189-220.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.
- BELUCCI, B.; SOUZA, L. P. de.; TEIXEIRA JR., U. A. Sem me controlar. In: MARCOS & BELUTTI. **Nosso lugar**. São Paulo: Sony Music, 2010. 1 CD. Faixa 5.
- BOURDIEU, P. **Sobre a televisão, seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1996.
- CECCARELLI, P. R. A construção da masculinidade. **Percursos**, São Paulo, v. 10, n. 19, p. 49-56, jul./dez. 1998.
- CIAMPA, A. C. Identidade. In: LANE, S. (Org.). **Psicologia social**: o homem em movimento. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 58-75.
- COSTA, L. P.; SANTA BÁRBARA, R. B. A educação da criança na idade antiga e média. In: CICLO DE ESTUDOS ANTIGOS E MEDIEVAIS, 6., 2008. **Anais da VII Jornada de Estudos Antigos e Medievais**. Maringá: UEM, 2008.
- CRIANÇA E CONSUMO. **Tempo de crianças e adolescentes assistindo TV aumenta em 10 anos**, 2015. Disponível em: <<http://criancaconsumo.org.br/noticias/tempo-diario-de-criancas-e-adolescentes-em-frente-a-tv-aumenta-em-10-anos>>. Acesso em: 20 jul. 2016.
- FOLHINHA. (1984). Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folhinha/2013/05/1275479-o-que-voce-quer-ser-quando-crescer-veja-respostas-de-30-anos-atras.shtml>>. Acesso em: 20 jul. 2016.
- FREUD, S. (1923-1925). **O ego e o id e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud).
- GILMORE, D. **Manhood in the making**: cultural concepts of masculinity. New York: Vail-Ballou Press, 1990.
- GONZÁLEZ REY, F. **Comunicación personalidad y desarrollo**. La Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1995.
- _____. **Pesquisa qualitativa em psicologia**: caminhos e desafios. São Paulo: Pioneira, 2005.
- _____. As representações sociais como produção subjetiva: seu impacto na hipertensão e no câncer. **Psicologia: Teoria e Prática**, Campinas, v. 8, n. 2, p. 69-85, dez. 2006.
- GUARESCHI, P. A. Mídia e cidadania. **Conexão – Comunicação e Cultura**. Caxias do Sul, v. 5, n. 9, p. 27-40, jan./jun. 2006.
- JOBIM E SOUZA, S. **Subjetividade em questão**: a infância como crítica da cultura. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.
- KAFKA, F. (1919). **Carta ao pai**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- KORD, S.; KRIMMER, E. **Contemporary Hollywood masculinities**. New York: Palgrave Macmillan, 2011.
- KEHL, M. R. O ressentimento na masculinidade. In: APPOA. **Masculinidade em crise**. Porto Alegre: APPOA, 2005. p. 123-143.
- MALORY, T. (1469). **A morte de Artur**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1993.
- MISKOLCI, R. A teoria Queer e a sociologia: o desafio de uma analítica da normalização. **Sociologias**, Porto Alegre, v. 11, n. 21, p. 150-182, jan./jun. 2009.

- MOSCOVICI, S. **Representações sociais**: investigações em psicologia social. Petrópolis: Vozes, 2003.
- NOLASCO, S. **De Tarzan a Homer Simpson**: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas ocidentais. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.
- OLIVEIRA, P. P. **A construção social da masculinidade**. Rio de Janeiro: IUPERJ, 2004.
- PALANGANA, I. C. **Individualidade**: afirmação e negação na sociedade capitalista. São Paulo: Summus, 2002.
- POSTER, M. **Teoria crítica da família**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 1979.
- SIQUEIRA, M. J. T. A. A constituição da identidade masculina: alguns pontos para discussão. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 113-130, 1997.
- VIANA, M. **A lacuna moral na educação de meninos**: o impacto das novas configurações de masculinidade na subjetividade infantil. 147 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – UFPR, Curitiba, 2016.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: M. Fontes, 2003.